

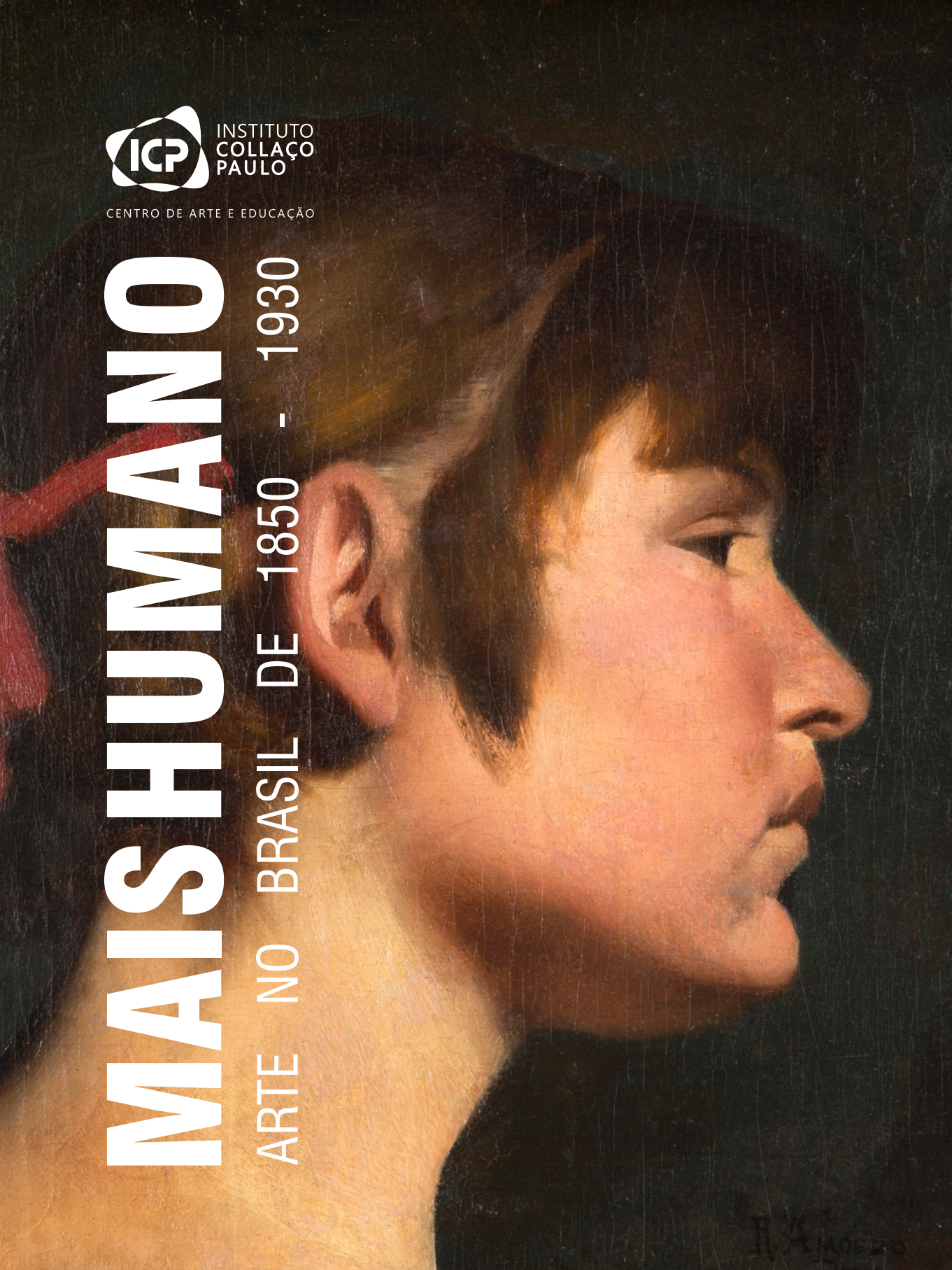


INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO

CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

MAISHUMANO

ARTE NO BRASIL DE 1850 - 1930





INSTITUTO
COLLAÇO
PAULO

CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

MAISHUMANO

ARTE NO BRASIL DE 1850 - 1930

04 A ESSÊNCIA DE NOSSA
EXISTÊNCIA

Marcelo Collaço Paulo

**ENTRE AS IMAGENS SECULARES E AS
SENSIBILIDADES DO TEMPO PRESENTE**

Francine Goudel

07

11 APROXIMAÇÕES
MAIS HUMANAS







Joana Amarante

**COMUNICAÇÃO, VALORES E
RESPONSABILIDADE SOCIAL**

Néri Pedroso

14

17 OBRAS

-  RECEPÇÃO
-  PERSONAS & PERSONAGENS
-  ALEGORIAS DO SENSÍVEL
-  COSTUMÁRIO
-  AINDA-VIVE
-  *DEMORAR NO HORIZONTE*

BIOGRAFIAS

102

122 EQUIPE

A ESSÊNCIA DE NOSSA EXISTÊNCIA

Marcelo Collaço Paulo

Recordo, saindo do colégio primário, localizado ao lado da minha casa, subindo uma pedreira chegava-se à casa do Victor Meirelles (1832-1903). Eu tinha entre sete e oito anos de idade, na década de 1960. Curioso, adentrava ao museu e me deparava com quadros que para mim eram imensos. Cenas de batalhas, homens ao mar, fogo, barcos, mocinhos contra bandidos. Tinha um quadro de uma mulher morta, assustava, passava rápido. A essência da pintura me causava emoção, surpresa e algo de magia.

Jeanine, minha mulher, e eu começamos a colecionar obras de arte há mais de 40 anos. Passamos por diferentes fases e tipos de objetos, arte catarinense, modernos e, por fim, pintura brasileira do século 19.

Com o passar do tempo, as obras começavam a direcionar nossos olhares para uma maior diversidade, ampliando o número de artistas, escolhendo não somente pelo componente histórico, mas também pela qualidade pictórica. Olhar para as pinturas é a possibilidade de rever a história do Brasil, conhecer os tempos idos, restabelecer a memória afetiva com os antepassados. Muito nos cativa ver as pinturas, colocá-las no contexto da época, sentir os desafios e rupturas vividas pelos artistas. Apaixonar-se por um tempo que não volta mais, mas que ficou eternizado nas telas, nas cores e nos sentimentos de outrora.

Nos mais de 60 anos daquele jovem que vagava pelo museu em busca de heróis, fui me transformando num guardião da memória, num

amante da beleza da pintura e completamente seduzido pela arte, esperando para que outros corações possam ser tocados pelos mesmos sentimentos e paixão.

A Coleção Collaço Paulo, cuja catalogação está sob a responsabilidade da museóloga Cristina Maria Dalla Nora, dá base à criação do Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação e começa um ciclo de exposições com a finalidade de levar a arte gratuita ao maior número de pessoas possíveis, com atividades cuja ênfase é o caráter educativo para crianças e jovens, a essência de nossa existência.

Os propósitos do alcance sociocultural da coleção e do instituto conectam um ideário que se alarga a partir da inauguração de uma sede no bairro Coqueiros. Os pressupostos desta tarefa se esclarecem no primeiro catálogo da primeira exposição “Mais Humano – Arte no Brasil De 1850 a 1930” no texto da curadora-chefe Francine Goudel, de Joana Amarante, coordenadora do

Núcleo Educativo, e da jornalista Néri Pedroso, responsável pela produção de conteúdo e comunicação.

A expectativa, minha e de Jeanine, é que o poder da arte no percurso das sensibilidades individuais e coletivas possa ser compreendido e aproveitado em Florianópolis, a cidade que amamos e a quem dedicamos essa prestação de serviço.

Todos são bem-vindos à nossa casa.

Boa leitura!

ENTRE AS IMAGENS SECULARES E AS SENSIBILIDADES DO TEMPO PRESENTE

Francine Goudel, curadora-chefe.

As obras de arte provenientes do século 19 e princípio do século 20, sobretudo produzidas nas academias do Brasil e do exterior, constituem-se como um conjunto expressivo na Coleção Collaço Paulo. O ponto de interesse dos colecionadores, o casal Jeanine e Marcelo Collaço Paulo, é o caráter histórico e estético que, ao longo de 40 anos, forma um núcleo pujante. O valor deste acervo transcende o colecionismo particular e se inscreve aqui com o desejo de agregar nova presença e de ampliar o acesso da comunidade, ocasião oportuna para inaugurar o Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação.

A exposição “Mais Humano: Arte no Brasil de 1850 - 1930” reúne obras de brasileiros e estrangeiros radicados ou com produção no país, oriundas das concepções acadêmicas de arte e do princípio das ideias do modernismo no Brasil. Marcados por significativos acontecimentos históricos, econômicos e culturais, os trabalhos perpassam a influência dos cânones da época, instaurados a partir de 1816, com a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, o começo das Exposições Gerais em 1840 e as premiações que garantem as viagens à Europa e possibilitam a absorção das vanguardas artísticas até a década de 1920. Igualmente, resultam de pensamentos elaborados no testemunho de conflitos e expressivas “revoltas”, que vão desde a monarquia e uma colônia independente proclamada em 1822, a um projeto abolicionista e de instauração da República na década de 1880.

Longe de demonstrar um caráter unicamente histórico, o percurso

expositivo busca fazer as pazes com as possíveis abordagens do século 19 e início do 20, que compreende o contexto da criação, mas, também e sobretudo, destaca a importância de olhar a obra na vertente dos estudos recentes da história da arte.

No desejo de suscitar um olhar atento, assumindo um caráter didático, o caminho a ser percorrido no espaço expositivo foi idealizado por núcleos focais, o que chamamos de eixos de exploração, no sentido da jornada a se fazer, das possíveis descobertas do olhar. Os núcleos estão associados às cores das paredes, que em cada ambiente aglutina as obras por gêneros artísticos – que é um caráter da produção da arte clássica, o modo como os artistas do período aprendiam e confeccionavam. Nos recintos de exploração as imagens são aproximadas, há na expografia uma proposta compositiva que objetiva facilitar a leitura dos trabalhos e que ganham certa propriedade através dos títulos poéticos dos conjuntos, esboçados em pequenos

textos de parede que buscam gerar um panorama das feitura e possíveis abordagens reflexivas, tanto da arte quanto da contemporaneidade.

A primeira sala, em tom amarelado, abriga o eixo “Personas & Personagens”. Trata-se de um mosaico de retratos do gênero dispostos em pequenos e grandes formatos, cujo texto convida a pensar tanto nas “personas”, de retratos de figuras identificadas, como o de Louise (1882-1954), mulher do artista Eliseu Visconti (1866-1944) ou para imaginar “personagens”, como a suposta menina espanhola de 1600, de Pedro Américo (1843-1905).

Na sala rosa, “Alegorias do Sensível – Nueza e Nudez” que agrupa os modos de representar corpos nus de homens e mulheres. A provocação do eixo passa pela “nudez” das constituições físicas, em uma aproximação do real, e da “nueza” dos corpos como forma de representar o simbólico e o imaginado. Na sala “Costumário”, com paredes em tom azul claro, um ideário de costumes

em imagens que buscam um aprofundamento do cotidiano dos séculos 19 e 20, com registros do habitual, mas também em referências factuais e complexidades visuais de cenas nada comuns, que suscitam questionamentos, como ofertam as obras de Weingartner (1853-1929) e de Sebastião Vieira Fernandes (1866-1943).

“Ainda-vive” nomina o eixo da parede em cinza claro, onde encontram-se duas obras do gênero de natureza-morta. O título faz uma brincadeira com o termo para pensar o gênero da pintura como algo ainda vivo, resultado de uma existência humana. Na sala verde estão as cenas de paisagens, onde propõe-se ao público “Demorar no Horizonte”. Apesar de não configurarem literalmente a representação humana, as paisagens são articuladas pela relação dos verbos “demorar” e “morar”, onde a figura do artista, como habitante e observador dessas naturezas, inflexiona as ações junto com os espectadores.

Por fim, que também é o começo da exposição, a sala azul escuro, ainda na recepção do Instituto Colloço Paulo, aclimata entrada e saída. Recepcionados por Pedro Américo e Victor Meirelles (1832-1903), dois grandes nomes da produção artística do século 19, entra-se no espaço expositivo, no corredor, onde estão as cenas infantis, o principio das questões mais humanas. À direita, as figuras da infância conduzem à sala amarela dos retratos e, à esquerda, em representações ambientais elas levam à sala verde das paisagens - ou trazem de volta. Na saída, de frente para recepção, encontram-se duas representações significativas de Visconti, artista consagrado do principio do século 20. “Raios de Sol” (1935) é a obra mais recente do período que abarca a mostra que, em outras palavras, finda o percurso, e “A Visita” (1927) reproduz o abraço caloroso de um visitante na saída de casa e amistosamente parece dizer: “Volte sempre!”.

O humano pode ser encontrado em quase todas as cenas, na figuração das pessoas, na captura das expressões e vestimentas, mas também, está nas pistas imagéticas, na humanidade dos artistas, por meio de suas biografias e fotos dispostas pelas paredes, no imaginário de um contexto, na própria entoação do visitante. Os pontos focais acercam-se das sensibilidades que requerem um tempo presente, no qual é possível pensar sobre uma história, um método e muitos enredos existenciais e artísticos. “Mais Humano” deseja ser um substrato para pessoas com ou sem qualquer bagagem, interessadas nos caminhos da arte nos quais seja possível exercer um olhar atento que ajude a instaurar novos sentidos. Trata-se, portanto, de um desafio e também do propósito da exposição, de permitir que a jornada de cada visitante seja uma grandiosa façanha.

APROXIMAÇÕES MAIS HUMANAS

Joana Amarante, coordenadora do núcleo educativo.

Para a exposição de abertura do Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, além de estruturar um material de apoio para auxiliar e oferecer caminhos a serem percorridos ao longo do ano letivo pelos professores, o núcleo educativo realizou ações com públicos de escolaridades e faixas etárias distintas. Esse conteúdo, intitulado “Em Busca de Sentidos”, reforça os mesmos princípios das visitas mediadas e das atividades práticas desenvolvidas durante os sete meses da mostra: a aproximação com a contemporaneidade e os diferentes contextos representados pelos visitantes.

A partir da escolha em conjunto com a curadora-chefe Francine Goudel e pesquisadora Julia Rocha de sete obras significativas no recorte expositivo da Coleção Collaço Paulo elaborou-se a confecção do material educativo. “Menina Pintora” (1883), de Pedro Américo; “Cabeça de Marabá” (1882), de Rodolfo Amoedo; “Estudo Batalha de Guararapes” (1878), de Victor Meirelles; “Nu Feminino” (1910), de Arthur Timótheo da Costa; uma cena materna “Sem Título” (1920), de Georgina de Albuquerque; uma natureza-morta “Sem Título” (1880), de Estêvão Silva e “Paisagem com Rio Piabanha (Petrópolis-RJ)” (1910), de João Batista da Costa, são os trabalhos selecionados que perpassam o caráter humano destacado pela curadoria.

Pretendeu-se estabelecer uma aproximação entre as obras do século 19 e princípio do 20 com temas contemporâneos históricos, artísticos e de outras áreas, com intuito de gerar um aprofundamento sobre cada

pintura, oferecendo novas leituras e material de pesquisa. Cada obra foi contextualizada para o entendimento da época de atuação do artista, pois ele reproduz uma elaboração de seu tempo e vivências, mesmo nas idealizações de cenários para as grandes batalhas. As imagens propostas em cada prancha do material educativo permitem uma relação com o contemporâneo a partir de fotografias do dia a dia, dos alimentos, das atividades diárias, de situações corriqueiras e eventos do passado.

Em uma exposição composta por 70 obras representadas por 34 artistas brasileiros e estrangeiros que passaram pela Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, a equipe educativa realizou recortes dentro da expografia para destacar ainda mais o caráter humano proposto pela curadora. Com pequenas histórias narradas por diferentes pessoas, em diálogos e escutas em uma mediação de uma hora e meia, percorrem-se diversos caminhos, em três roteiros prestabelecidos à

escolha dos visitantes, ora por “Um Trajeto Sobre a Arte Brasileira de 1850 a 1930”, no qual é possível viajar no tempo em pequenos saltos entre passado e presente, ora por “Sobre os Daqui e os De Lá” em que se prosea sobre os interesses dos pintores no cenário brasileiro. Esses percursos servem como estímulo para as atividades práticas sobre o bairro, os lugares, as cenas de afeto, o valor dos retratos, a potência do olhar.

Os itinerários sugeridos não servem só para contar uma história da arte, mas para apontar as singularidades nas pinturas e esculturas de forma a se entender que, mesmo dentro de um sistema de regras, assim como mais tarde ocorreu com os modernistas, esses artistas, embora às vezes em pequenos detalhes, também se opuseram, questionaram e trouxeram características de uma arte brasileira.

O objetivo é sempre aproximar as discussões da vida do visitante de modo que, a partir de seus breves relatos e análises, por meio de “Narrativas Imaginadas”, ele se torne o protagonista da ação, conte a sua história sobre uma obra escolhida e, em conjunto, percorra outros trajetos mesmo que imprecisos, estabeleça conexões, assim como o material educativo que busca novos sentidos.

Uma criança de quatro anos ao olhar para “O Jovem Médico”, de Victor Meirelles, fala: “Cortei o meu cabelo igual ao dele” ou quando o adolescente reconhece em “A Clandestina”, de Angelo Cantù, as mulheres que hoje percorrem seu bairro ou, ainda, quando encontro a minha avó todos os dias na pintura “A Visita”, de Eliseu Visconti. Seriam esses sinais singelos que aludem aos resultados alcançados pelas ações educativas?

COMUNICAÇÃO, VALORES E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Néri Pedroso, produção de conteúdo e comunicação.

O Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação entrecruza áreas do conhecimento. No dia a dia de suas atividades, a equipe trata com a história da arte, a museologia, a arte educação, o ensino, a restauração e outras disciplinas respeitadas em exercício transdisciplinar e em um tripé de trabalho que aproxima a curadoria, o educativo e a comunicação. Essas atuações estão unidas pela crença no valor da documentação e da memória armazenadas sobre o conjunto de ações desenvolvidas pela instituição.

A conexão de saberes, o diálogo e decisões colegiadas são fundamentais. Inserido no sistema de arte de Santa Catarina, o instituto aparece numa representação quase inédita, ou seja, a de um casal que constituiu a Coleção Collaço Paulo para dar um sentido às obras por meio de um programa consistente de educação. As relações envolvidas são, portanto, de natureza coletiva e social. Todos os contextos, em suas especificidades, são pensados nos seus modos de transmissão para um amplo público.

A iniciativa não tem precedente na história cultural de Santa Catarina, porque praticamente não há projetos nesse universo que, desde a sua gênese, criem solidez entre a curadoria, o educativo e a comunicação. Na maioria das vezes, o eixo comunicacional aparece como assunto de segunda categoria com a função de só divulgar as ações. Quase sempre relegada à ideia de produção de releases e notas feitas às pressas para divulgar, de modo personalista,

nas redes sociais, poucos entendem a comunicação como pensamento ou no seu amplo espectro de possibilidades, sobretudo na tarefa de efetivamente comunicar, fortalecer metas alinhadas à missão.

A comunicação está ligada à gestão, à tomada de decisões e necessidades reais. Exige, portanto, planejamento em plena sintonia com o programa de atividades. Um dos compromissos é tornar a linguagem o mais acessível possível a um vasto público, alcançar pessoas especializadas ou não em artes visuais ou, ainda, de outras áreas do conhecimento. Estratégica, a comunicação no Instituto Collaço Paulo engloba práticas de construção, preservação e ampliação dos conceitos, as diretrizes e os princípios estatutários, cujo interesse é instaurar diferentes fluxos de ações (expositivas, artísticas, formativas, educacionais, comunicacionais e sociais) em torno da coleção de Jeanine e Marcelo Collaço Paulo.

Nas organizações contemporâneas, cada vez mais respeita-se a comunicação como um conhecimento técnico especializado que ajuda a fortalecer a imagem, as relações com a comunidade e o papel social. Transparência e interesse público são pressupostos que pedem o engajamento da equipe que atua de modo coletivo e sistêmico. Todos são responsáveis pelas informações, buscam as metas e os programas, estudam a coleção e difundem conhecimento sobre o acervo, tornando-o acessível ao maior número de visitantes. Assim, como os conceitos curatoriais e as propostas do núcleo educativo, a comunicação também se situa como um processo de produção, difusão de significados e sentidos, mediados e direcionados para múltiplos sujeitos.

MAIS HUMANO

ARTE NO BRASIL DE 1850 - 1930

As obras de arte provenientes do século 19 e princípio do século 20, sobretudo produzidas nas academias do Brasil e do exterior, constituem-se como um conjunto memorável na Coleção Collaço Paulo. O ponto de interesse dos colecionadores, o casal Jeanine e Marcelo Collaço Paulo, é o caráter histórico e estético que, ao longo de 40 anos, forma um núcleo pujante. O valor deste acervo transcende o colecionismo particular e se inscreve aqui com o desejo de agregar nova presença e de ampliar o acesso da comunidade, ocasião oportuna para inaugurar o Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação.

A exposição "MAIS HUMANO: ARTE NO BRASIL DE 1850 - 1930" reúne obras de brasileiros e estrangeiros radicados ou com produção no país, oriundas das concepções acadêmicas de arte e do princípio das ideias do modernismo no Brasil. Marcadas por significativos acontecimentos históricos, econômicos e culturais, as obras permeiam a influência dos cânones da época, instaurados a partir de 1816, com a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, o começo das Exposições Gerais em 1840 e as premiações que garantem as viagens à Europa e possibilitam a absorção das vanguardas artísticas até a década de 1920. Igualmente, resultam de pensamentos elaborados no testemunho de conflitos e expressivas "revoltas", que vão desde a monarquia e uma colônia independente proclamada em 1822, a um projeto abolicionista e de instauração da República na década de 1880.

Longe de demonstrar um caráter unicamente histórico, o percurso expoiativo busca fazer as pazes com as possíveis abordagens do século 19 e início do 20, que compreende o contexto da criação, mas, também e sobretudo, destaca a importância de olhar a obra na vertente dos estudos recentes da história da arte.

Ao assumir um caráter didático, o caminho a ser percorrido no espaço foi idealizado por eixos de exploração associados as cores das paredes. Aglutinados por gêneros artísticos - um caráter da arte clássica aqui, para além de uma possível abordagem referencial, ganham títulos para facilitar leituras em seu conjunto e na contemporaneidade. Trata-se, portanto, de um desafio e também do propósito de permitir que essa jornada seja uma grandiosa façanha.

A primeira sala, em tom amarelado, abriga o eixo "Personas & Personagens" que compõem um mosaico de retratos, gênero que aparece em pequenas e grandes peças. Em tom rosáceo, "Algorias do Sensível - Nueza e Nudez", agrupa obras que expõem o modo de representar corpos de homens e mulheres. "Costumário", no espaço central, em azul claro, destina as cenas de gênero e "Ainda-vive", delimitado em cinza claro, designa as naturezas-mortas. As paisagens, na sala verde, propõem se "demorar no horizonte".

Por fim, que também é o começo, onde você está, a sala azul escuro aclimata a proposta curatorial que sugere a reflexão sobre os aspectos mais humanos muito além das literais figurações. Os pontos focais acercam-se das sensibilibidades que requerem um tempo presente, no qual é possível pensar sobre uma história, um método e muitos enredos existenciais e artísticos. "MAIS HUMANO" deseja ser um substrato para pessoas com ou sem qualquer bagagem, interessadas nos caminhos da arte nos quais seja possível exercer um olhar atento que ajude a instaurar novos sentidos.

Francine Goudel, curadora-chefe

MAIS HUMANO

Arte no Brasil de 1850-1930

Curadoria e textos
Francine Goudel

Epígrafe
Cristina Maria Dalla Nora
Francine Goudel
Joana Amaranite

Montagem
Flávio Xanxá Brunetto

Materiais educativos
Joana Amaranite

Revisão e edição dos textos
Néri Pedross

Materiais Gráficos
Lorena Galvão

Fotografia
CR2

INSTITUTO COLLAÇO PAULO

Marcelo Collaço Paulo
Diretor-presidente

Jeanine Goudel Paulo
Vice-presidente

Cristina Maria Dalla Nora
Museóloga

Francine Goudel
Curadora-chefe

Joana Amaranite
Coordenadora educativa

Néri Pedross
Produção de conteúdo e comunicação

Júlia Bayer Heldmann
Recepção e atendimento ao público



■ *Menina Pintora*, 1883. **PEDRO AMÉRICO**.
Óleo sobre tela. 52 x 42 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Raios de Sol*, 1935. **ELISEU VISCONTI**.
Óleo sobre tela. 80 x 60,5 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *A Visita*, 1927. **ELISEU VISCONTI.**
Óleo sobre tela. 115 x 89 cm. Coleção Collaço Paulo.





■ *Sem Título*, c. 1900. **ANTÔNIO FERRIGNO.**
Óleo sobre madeira. 26,9 x 19,5 cm. Coleção Collaço Paulo.
[página anterior: detalhe]



■ *Sem Título*, c. 1910. **GEORGINA DE ALBUQUERQUE.**
Óleo sobre madeira. 33 x 24 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Cabeça de Marabá*, 1882. **RODOLFO AMOEDO.**
Óleo sobre madeira. 30,2 x 27,7 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Baiana*, 1914. **DÉCIO VILLARES.**
Óleo sobre madeira. 21 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Menino com Violino*, 1889. **DÉCIO VILLARES.**
Óleo sobre madeira. 33,4 x 23,1 cm. Coleção Collaço Paulo.





■ *São João Batista*, 1884. **RODOLFO BERNARDELLI**.
Escultura em mármore carrara. 51 x 24 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Perfil de Jovem*, 1883. **RODOLFO AMOEDO.**
Óleo sobre tela. 41,5 x 34 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudo Batalha dos Guararapes, 1878. VICTOR MEIRELLES.*
Óleo sobre tela. 43 x 32 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Paris*, 1908. **ARTHUR TIMÓTHEO DA COSTA.**
Óleo sobre tela. 60,6 x 38 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Caboclo*, 1913. **ANGELO CANTÙ.**
Óleo sobre cartão. 58 x 43 cm. Coleção Collaço Paulo.



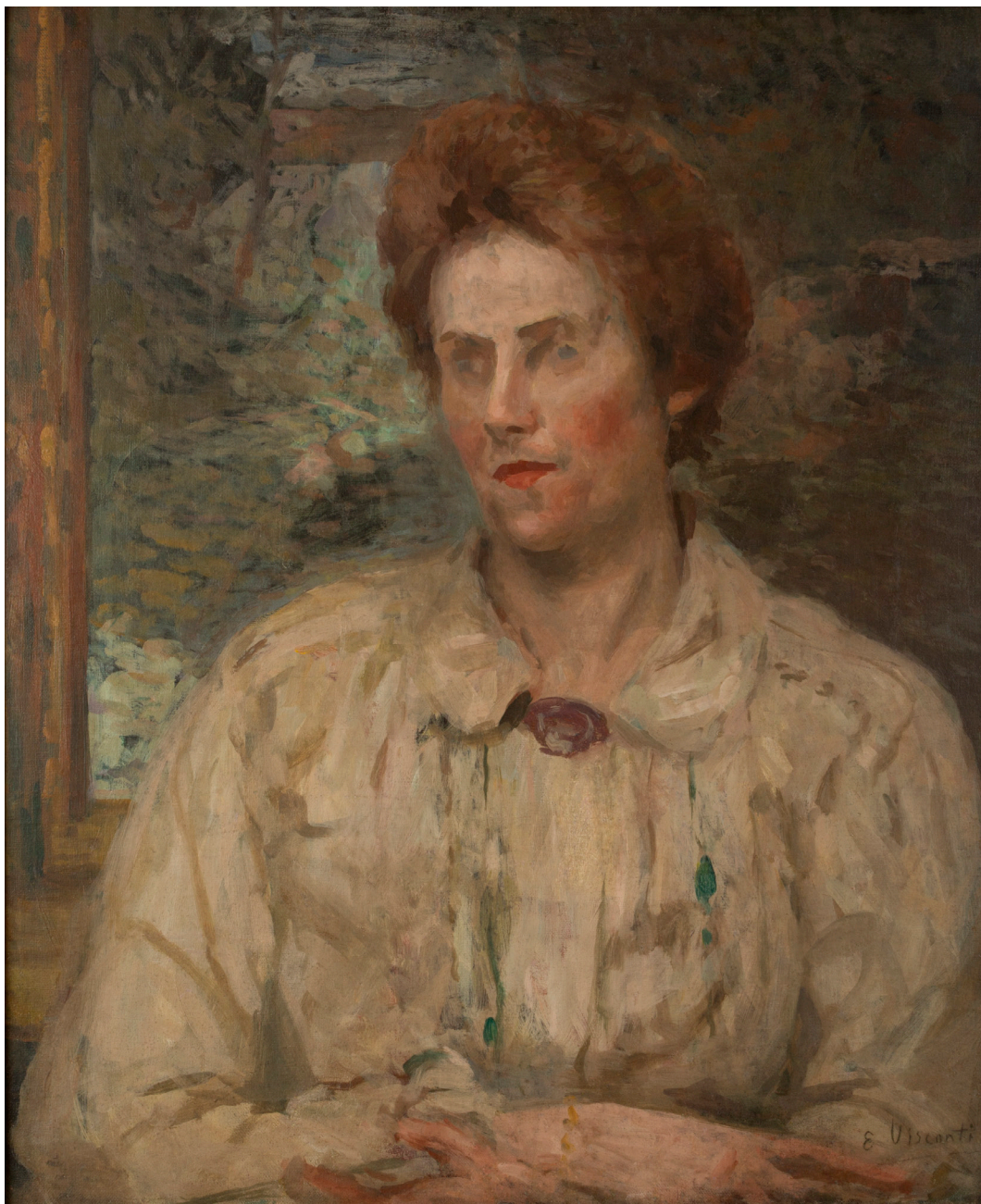
■ *Moça de Chapéu*, 1879. **ALMEIDA JÚNIOR.**
Óleo sobre tela. 83 x 63 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, c. 1901. **ELISEU VISCONTI.**
Óleo sobre cartão 35 x 28 cm. Coleção Collaço Paulo.



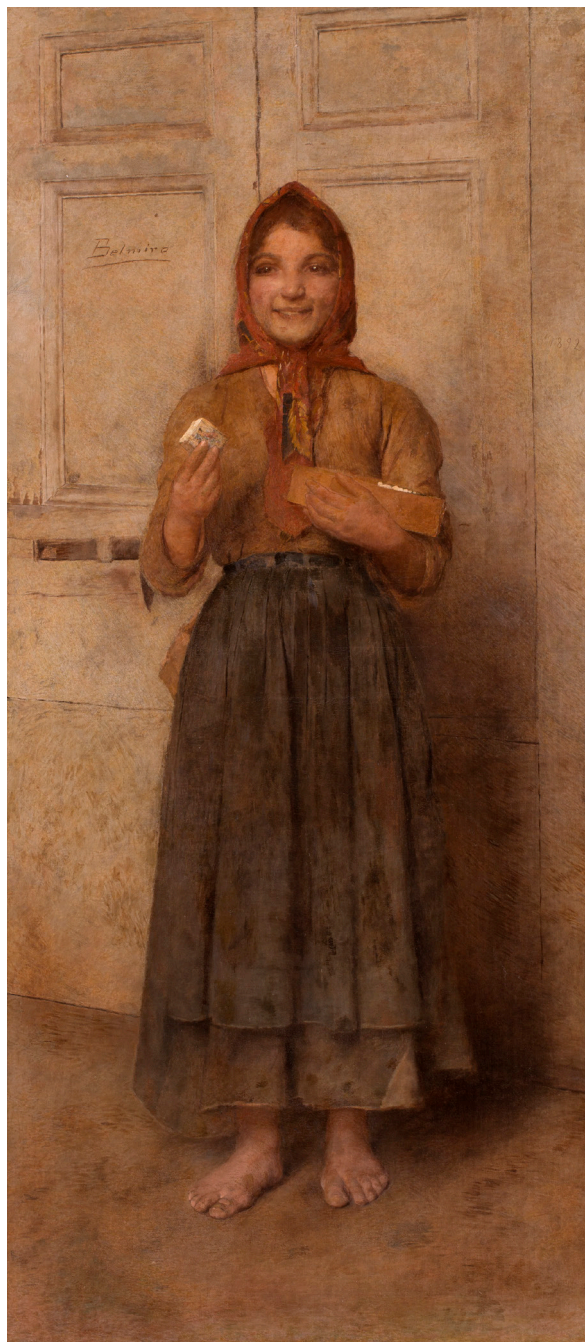
■ *Efeito de Luz*, 1887. **RODOLFO AMOEDO.**
Óleo sobre madeira. 26 x 20 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Retrato de Louise*, 1921. **ELISEU VISCONTI**.
Óleo sobre tela. 63,7 x 52,4 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Passageira Clandestina*, 1922. **ANGELO CANTÙ.**
Óleo sobre madeira. 41,5 x 29 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Vendedora de Fósforos (Itália)*, 1892. **BELMIRO DE ALMEIDA**.
Óleo sobre tela. 164 x 74 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Menina Espanhola de 1600*, 1881. **PEDRO AMÉRICO.**
Óleo sobre tela. 179 x 111 cm. Coleção Collaço Paulo.





■ *Jovem Médico*, 1881. **VICTOR MEIRELLES.**
Óleo sobre tela. 150 x 87 cm. Coleção Collaço Paulo.

[página anterior: detalhe]

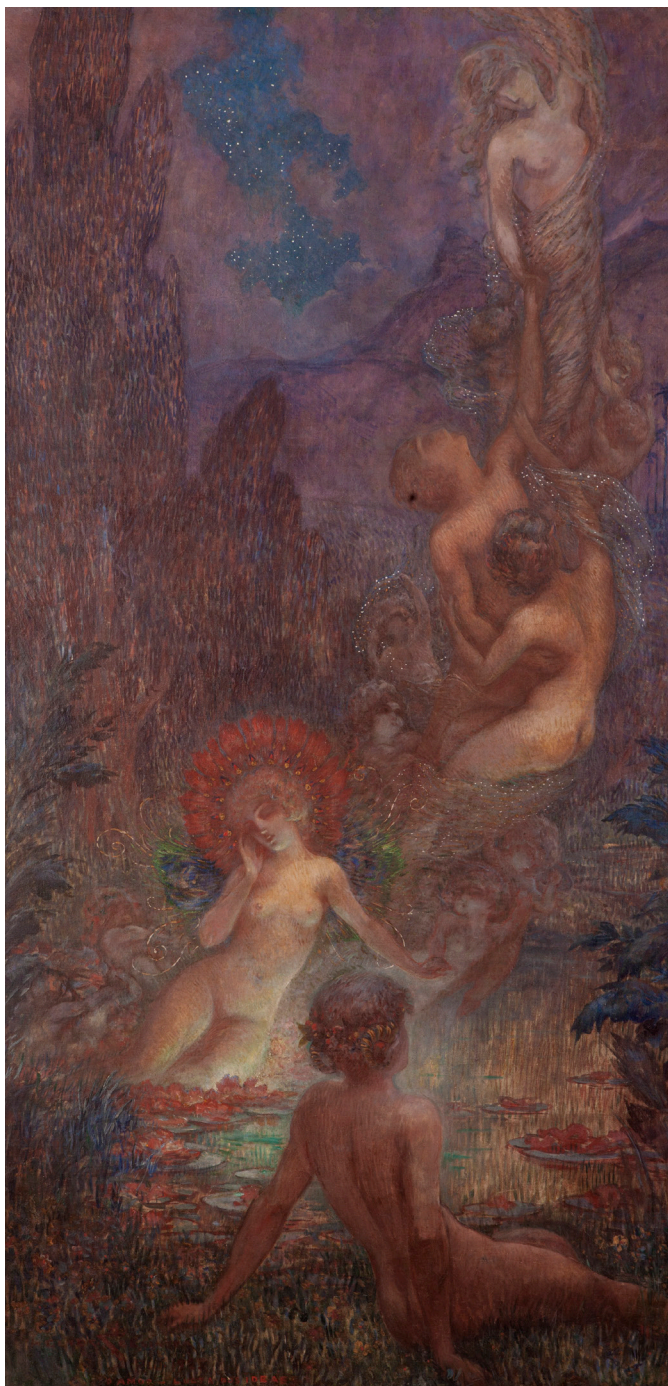


Informational label for the sculpture.

Informational label for the sculpture.



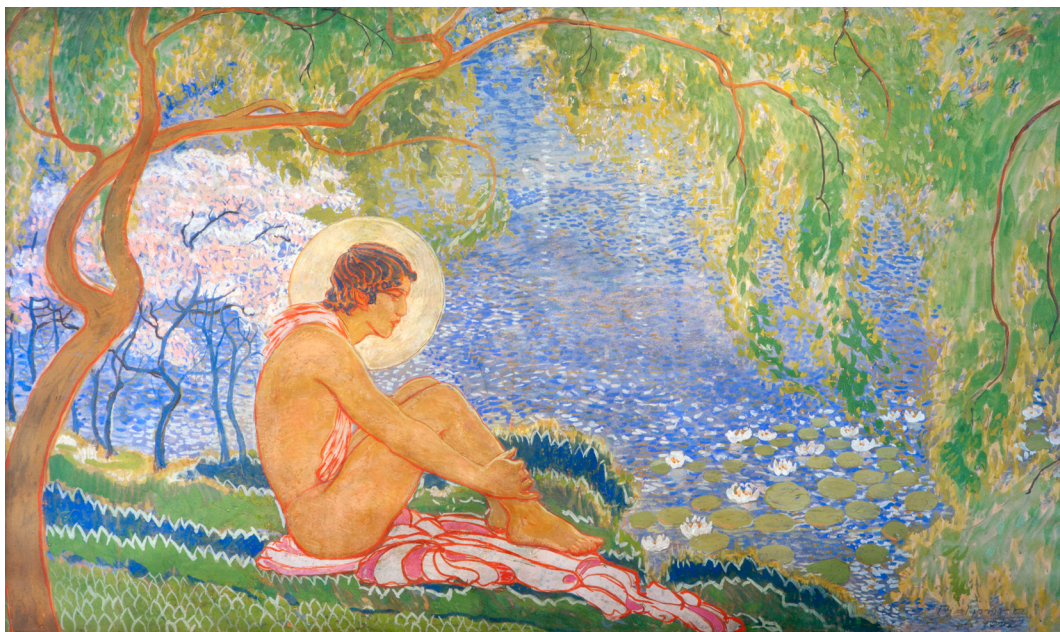
■ *Sem Título*, c. 1920. **LEOPOLDO E SILVA** [vista 01 e 02].
Mármore. 100 x 37 cm. Coleção Collaço Paulo.



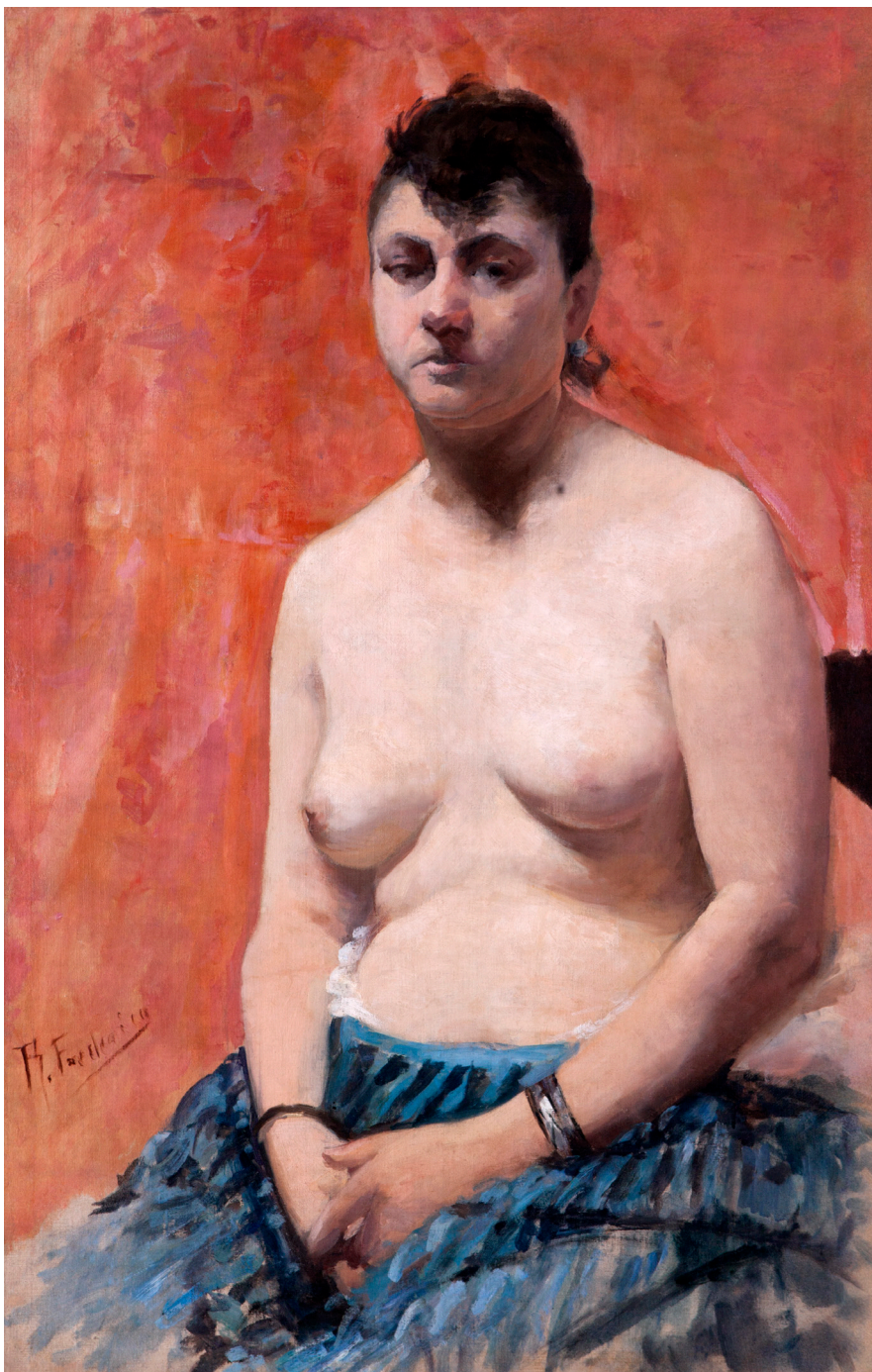
■ *O Amor – Luta dos Ideais*, 1925. **HÉLIO SEELINGER**.
Óleo sobre tela. 189 x 94 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Euterpe*, 1889. **RODOLFO AMOEDO**.
Óleo sobre tela. 130 x 80,2 x 2,5 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, 1925. **BELMIRO DE ALMEIDA.**
Têmpera sobre papel. 90 x 151 cm. Coleção Collaço Paulo.



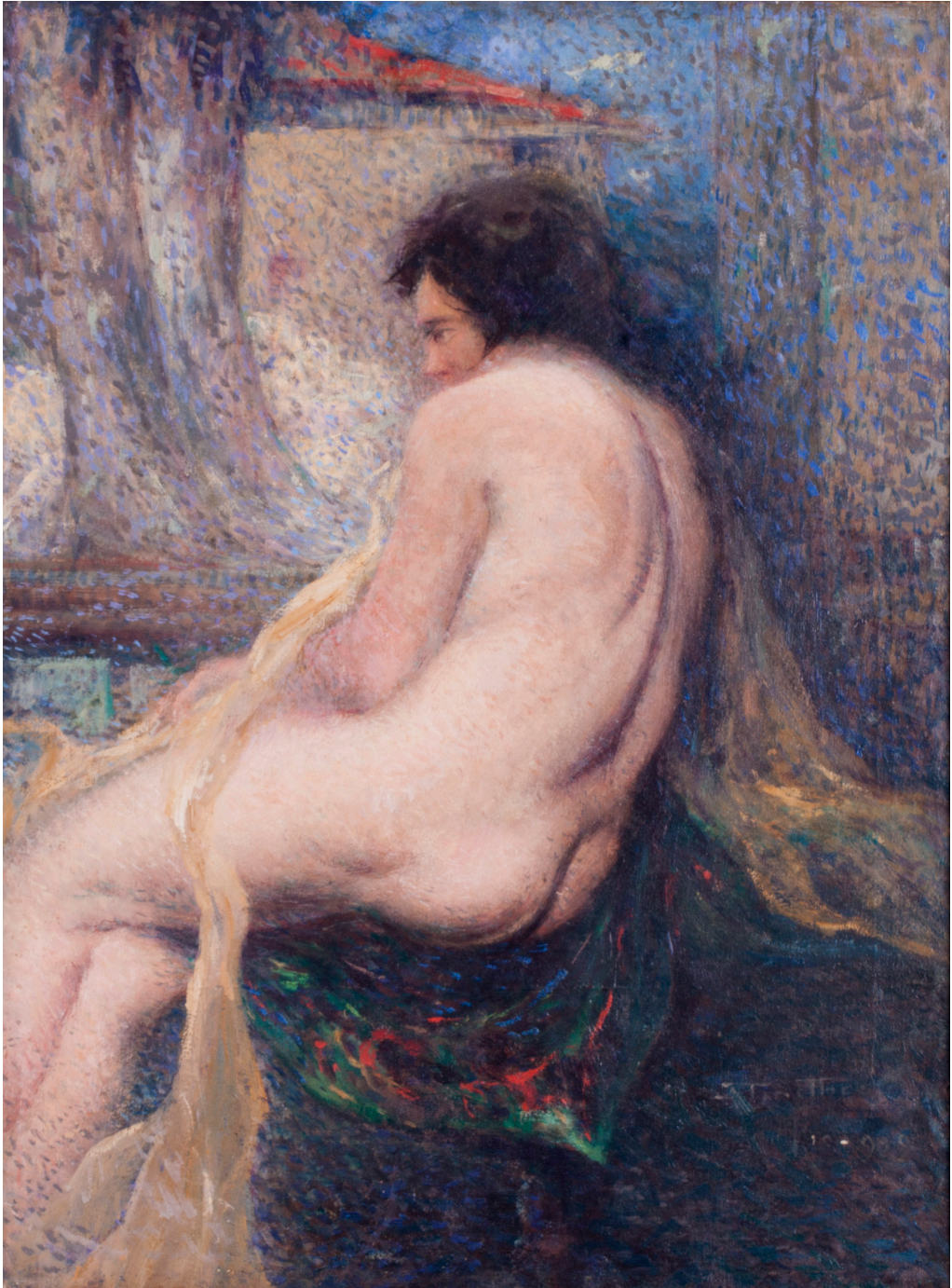
■ *Duona Seduta*, c. 1890. **RAFAEL FREDERICO.**
Óleo sobre tela. 99,5 x 65 cm. Coleção Collaço Paulo.



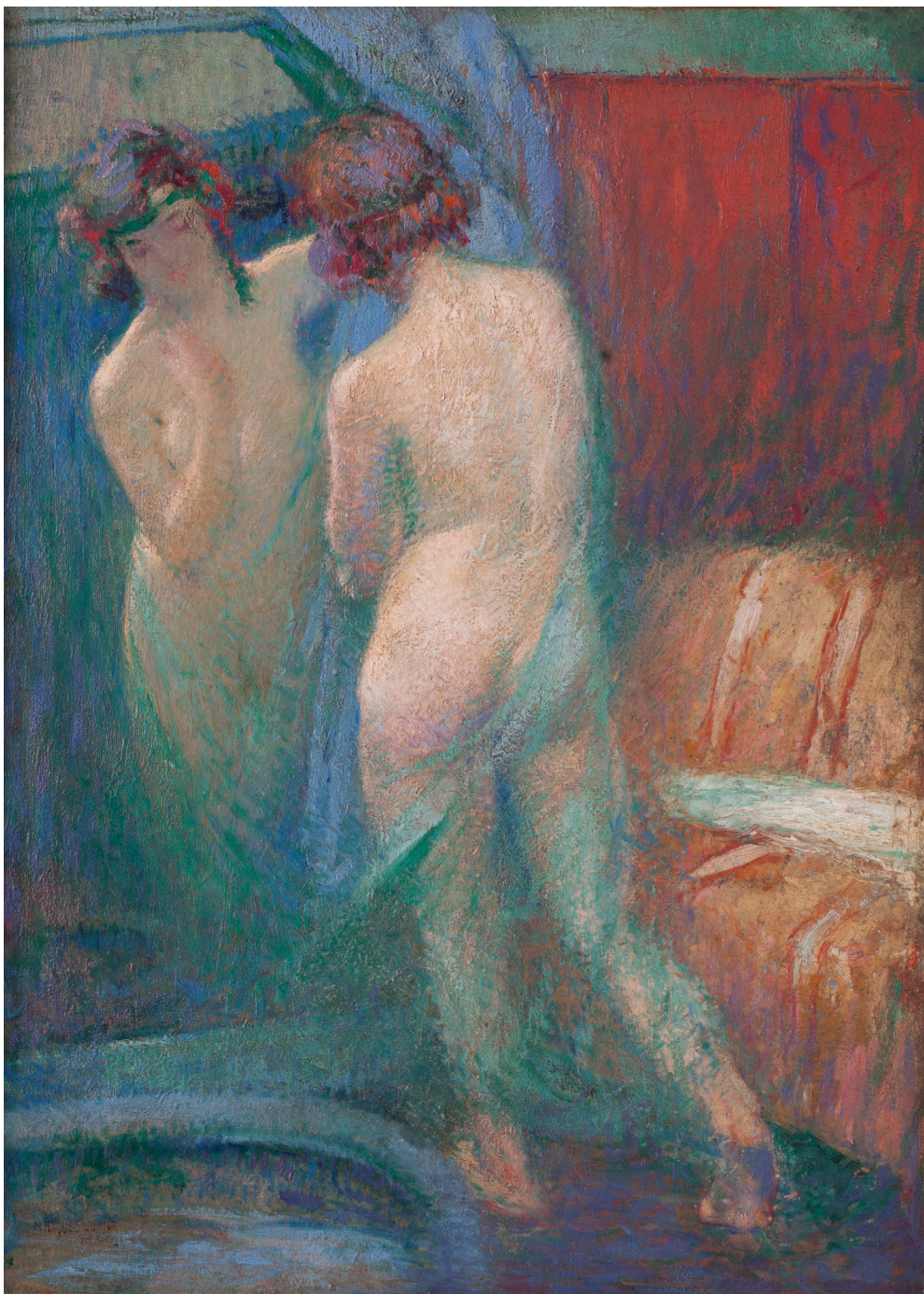
■ *Nu Masculino Sentado com Bastão*, 1891. **ELISEU VISCONTI**.
Óleo sobre tela. 99 x 71,7 cm. Coleção Collaço Paulo.



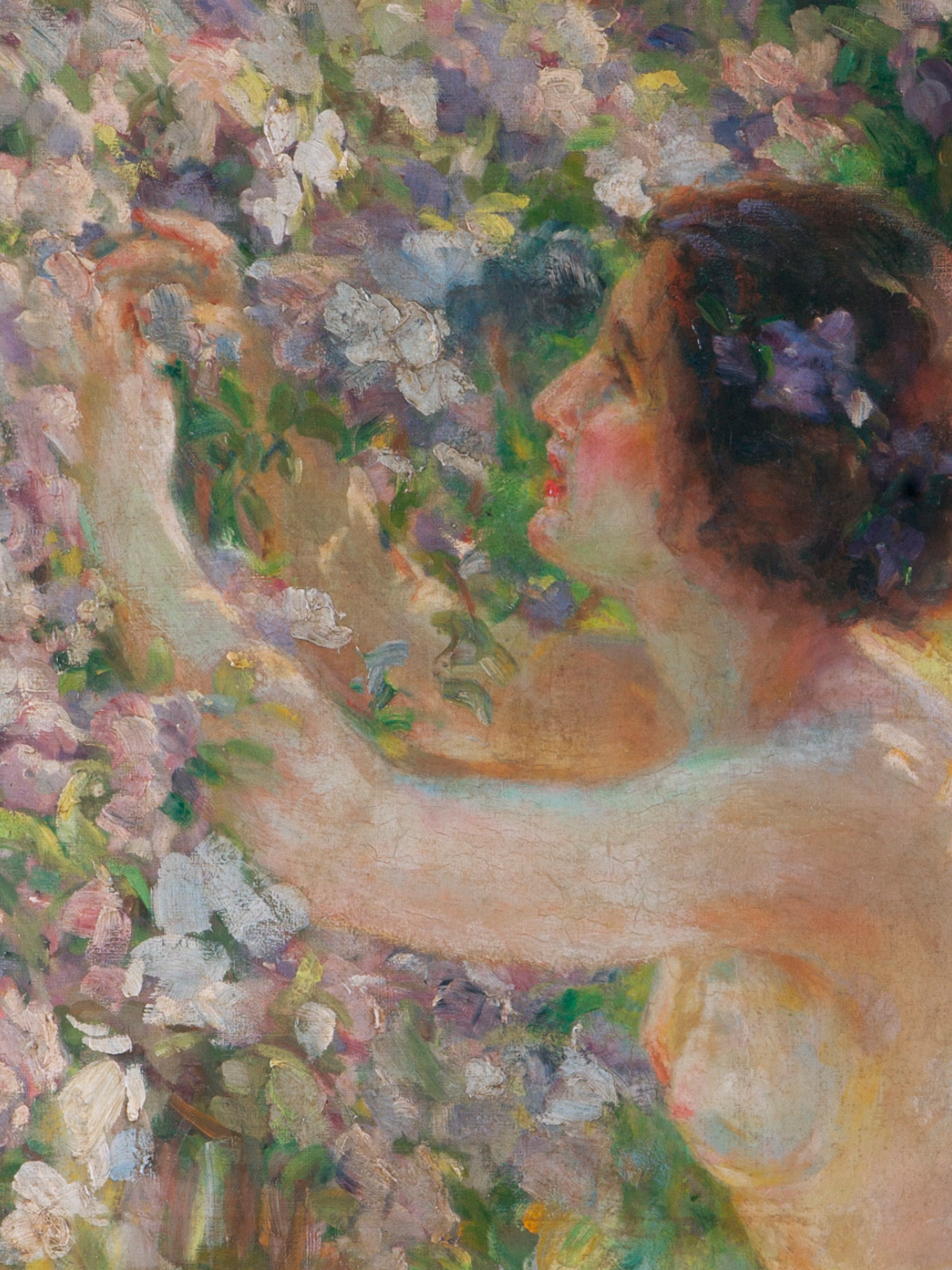
■ *Nu Feminino* (Paris, França), 1910. **ARTHUR TIMÓTHEO DA COSTA.**
Óleo sobre tela. 80,5 x 100 cm. Coleção Collaço Paulo.

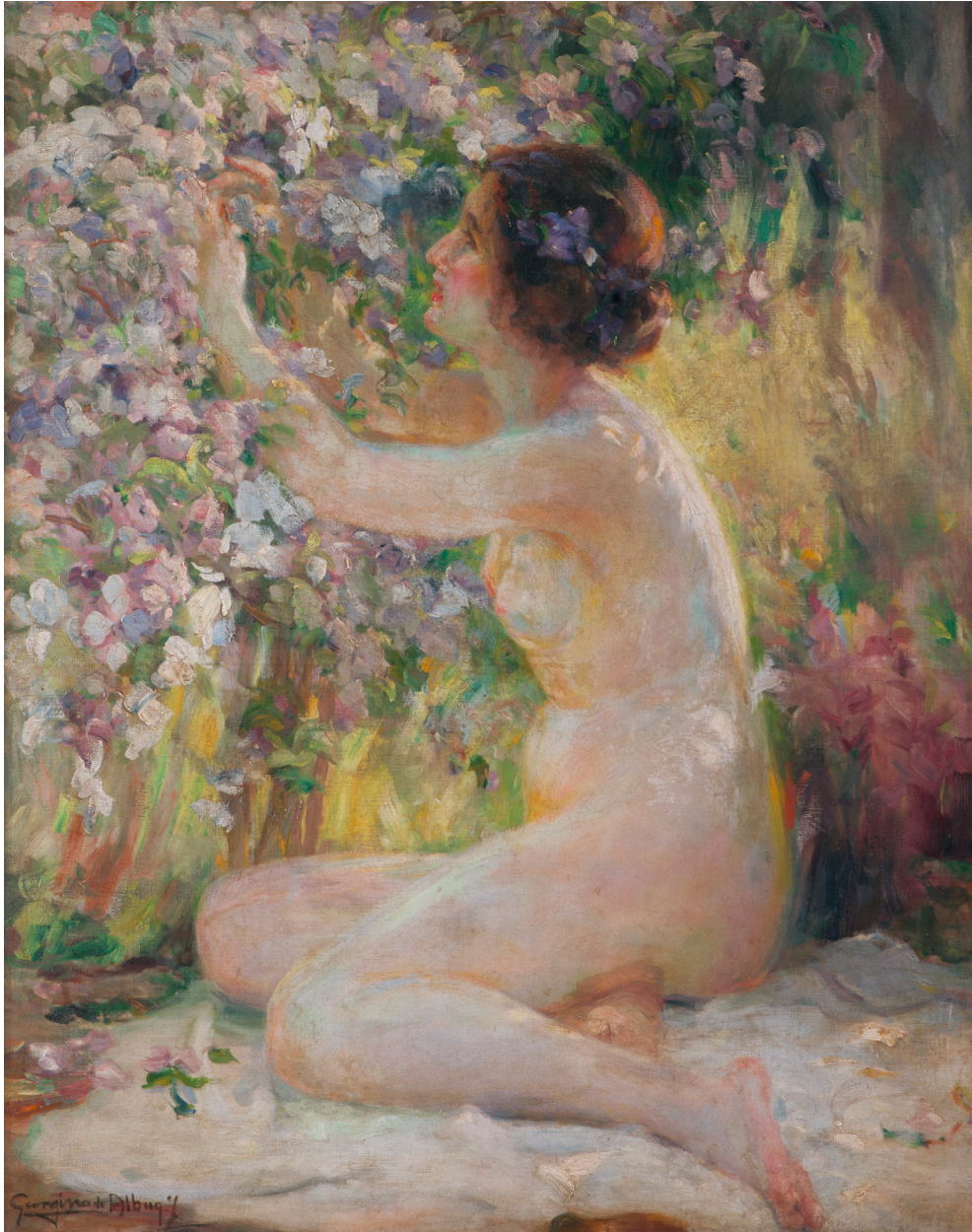


■ *Sem Título*, 1929. **JOÃO TIMÓTHEO DA COSTA.**
Óleo sobre tela. 61,8 x 46,2 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *No Espelho* (Paris - França), 1921. **MARQUES JÚNIOR.**
Óleo sobre madeira. 81 x 59 cm. Coleção Collaço Paulo.





■ *Flor de Manacá*, c. 1922. **GEORGINA DE ALBUQUERQUE.**
Óleo sobre tela. 124 x 99 cm. Coleção Collaço Paulo.

[página anterior: detalhe]





■ *Tomando a Lição*, 1895. **PEDRO PEREZ.**
Óleo sobre madeira. 40,3 x 32,6 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, c. 1920. **GEORGINA DE ALBUQUERQUE.**
Óleo sobre tela. 93 x 65 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Imigrantes*, 1909. **MODESTO BROCOS.**
Óleo sobre tela. 26 x 38 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Ao Sol* (Capri - Itália), 1886. **HENRIQUE BERNARDELLI.**
Óleo sobre tela. 117 x 278 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, c. 1920. **GEORGINA DE ALBUQUERQUE.**
Óleo sobre tela. 52 x 65 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Dama na Rede*, 1885. **AURÉLIO FIGUEIREDO.**
Óleo sobre tela. 99 x 79 cm. Coleção Collaço Paulo.





■ *A Nova Estrela* (Roma - Itália), 1896. **WEINGARTNER.**

Óleo sobre tela. 50 x 75 cm. Coleção Collaço Paulo.

[página anterior: detalhe]



■ *Sem Título*, c. 1890. **SEBASTIÃO VIEIRA FERNANDES.**
Óleo sobre tela. 52 x 60 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Os Revolucionários (Nova Veneza, SC), 1893. WEINGARTNER.*
Óleo sobre tela. 48,5 x 74 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, 1899. **WEINGARTNER.**
Óleo sobre tela. 41 x 90 cm. Coleção Collaço Paulo.



AINDA-VIVE

O tema da natureza morta era considerado o menor na hierarquia das disciplinas acadêmicas. No Brasil, sempre como lugar-péssimo e apertado local das representações, era usado alocado composições e como um registro da proficuidade de alimentos e objetos de negócios. Na Europa, a natureza morta ganhou um lugar de destaque, sendo uma representação da realidade e na idealização da visualidade do momento. Isso, junto para a ascensão de um comércio marítimo e o desenvolvimento do gênero, nos trouxe de volta, mas a natureza morta ganhou um novo sentido, que significava desde então **ainda vive**. No Espírito Santo, particularmente, o termo **ainda vive**, que, de certo forma, continua com o sentido de vida, designa um termo da cultura ambiental que pode proporcionar uma **biologia** - uma **questão** - local no qual em termos de mesa amada há, com frequência, o motivo de **passar**.







■ *Sem Título*, c. 1880. **ESTÊVÃO SILVA.**
Óleo sobre tela. 50 x 60 cm. Coleção Collaço Paulo.

[página anterior: detalhe]



■ *Natureza-morta*, c. 1860. **VICTOR MEIRELLES.**
Óleo sobre tela. 28,5 x 48,7 cm. Coleção Collaço Paulo.





■ *Paisagem com Rio Piabanha (Petrópolis -RJ)*, c. 1910. **BATISTA DA COSTA.**
Óleo sobre tela. 47 x 62 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sapucaieiras em Flor*, c. 1910. **BATISTA DA COSTA.**
Óleo sobre tela. 81 x 134 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, 1890. **TELLES JÚNIOR.**
Óleo sobre tela. 50,5 x 84 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Crepúsculo (Baía de Guanabara)*, c. 1890. **MODESTO BROCOS.**
Óleo sobre madeira. 18,8 x 24,3 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Marinha*, c. 1870. **DE MARTINO**.
Óleo sobre tela. 31 x 20,8 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, 1857. **JOSEPH LÉON RIGHINI.**
Aquarela sobre papel. 13,5 x 46,5 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Enseada e Navios ao Fundo - Ponta do Calabouço - RJ, 1889. GARCIA Y VÁZQUEZ.*
Óleo sobre tela. 40 x 73 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Chalupas Acoradas a um Cais*, 1898. **CASTAGNETO**.
Óleo sobre madeira. 14,3 x 39 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, 1898. **CASTAGNETO.**
Óleo sobre madeira 22 x 14 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, 1929. **ANTÔNIO PARREIRAS.**
Óleo sobre tela. 114 x 143 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, c. 1920. **GARCIA BENTO.**
Óleo sobre tela. 50 x 90 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Sem Título*, 1914. **EDUARDO DIAS.**
Óleo sobre tela. 60 x 87 cm. Coleção Collaço Paulo.





■ *Vista de Desterro*, c. 1860. **BRUGGEMANN**.
Óleo sobre tela. 48,6 x 72,7 cm. Coleção Collaço Paulo.

[página anterior: detalhe]

MAIS HUMANO

PARTE DO BRASIL DE 1860 - 1930

A busca de uma identidade brasileira foi o objetivo principal dos artistas do Brasil e de outros países latino-americanos durante o século XIX e início do século XX. O processo de construção de uma identidade nacional foi influenciado por fatores como a independência, a escravidão, a industrialização e a urbanização. Os artistas buscaram retratar a realidade social e cultural do Brasil, criando uma linguagem visual que refletisse a diversidade e a complexidade da sociedade brasileira.

Entre 1860 e 1930, o Brasil passou por transformações profundas. A abolição da escravidão em 1850, a proclamação da República em 1889 e a chegada da família real portuguesa em 1808 marcaram momentos decisivos na história do país. Os artistas refletiram essas mudanças em suas obras, explorando temas como a vida urbana, a paisagem e a vida cotidiana. A arte brasileira desse período é caracterizada por uma busca por uma linguagem própria, que incorporasse elementos da cultura europeia e indígena.

Os artistas brasileiros buscaram retratar a realidade social e cultural do Brasil, criando uma linguagem visual que refletisse a diversidade e a complexidade da sociedade brasileira. Eles exploraram temas como a vida urbana, a paisagem e a vida cotidiana, buscando uma identidade própria que incorporasse elementos da cultura europeia e indígena.

Essa busca por uma identidade brasileira foi o objetivo principal dos artistas do Brasil e de outros países latino-americanos durante o século XIX e início do século XX. O processo de construção de uma identidade nacional foi influenciado por fatores como a independência, a escravidão, a industrialização e a urbanização.

Fonte: www.museu.gov.br

- 1860-1880
- 1880-1900
- 1900-1930
- 1930-1960
- 1960-1980
- 1980-2000
- 2000-2020







■ *Paisagem com Rio e Barcos em São Paulo*, c. 1920. **BAPTISTA DA COSTA.**
Óleo sobre madeira. 33 x 46 cm. Coleção Collaço Paulo.

[página anterior: detalhe]



■ *Passarinheiro (Desterro)*, 1893. **WEINGARTNER.**
Óleo sobre madeira. 33 x 24 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.



■ *Estudos de Traje Italiano*, c. 1853/56. **VICTOR MEIRELLES.**
Aquarela sobre papel. 34 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo.

Almeida Júnior

Itu, SP, 1850

Piracicaba, SP, 1899

Aos 19 anos, com ajuda financeira, muda-se para o Rio de Janeiro para ingressar na Academia Imperial de Belas Artes, sendo aluno de Victor Meirelles. Termina os estudos em 1874, recebendo condecorações como a medalha de ouro na Exposição Geral de Belas Artes. Sem concorrer ao prêmio Viagem ao Exterior, em 1875, volta para Itu para abrir seu ateliê e atuar como retratista e professor de desenho. Ganha uma bolsa de estudos de aperfeiçoamento na Europa oferecida pelo imperador dom Pedro 2º. Muda-se para Paris em 1876, onde frequenta aulas de desenho e assegura quatro participações no Salão Oficial dos Artistas Franceses, de 1879 a 1882. Em sua homenagem, o 8 de maio institui-se como Dia do Artista Plástico.

Angelo Cantù

Milão, Itália, 1881

Milão, Itália, 1955

Professor de pintura na Academia de Belas Artes de Brera e no seu liceu, no qual, mais tarde, torna-se membro honorário. Vive no Brasil, entre 1910 e 1940, trabalha como artista e participa da Exposição Geral de Belas Artes, em 1914 e 1921 e da Coletiva, em 1914. Já as mostras individuais acontecem em 1913, 1914 e 1921. Participa da mostra Nazionale di Belle Arti, em 1906, na Esposizione internazionale di Milano.

Antônio Ferrigno

Salerno, Itália, 1863

Salerno, Itália, 1940

Artista italiano, estuda pintura com De Chirico e, aos 19 anos, recebe uma bolsa de estudo e se matricula na Aca-

demia de Belas Artes de Nápoles, onde realiza pinturas paisagísticas e vistas da cidade. Em 1893, fixa moradia em São Paulo e se aproxima de Almeida Júnior. De volta a Salerno, mantém uma vida artística ativa, participa das principais mostras na Itália e obtém a cátedra de professor de desenho da Escola Técnica de Salerno. Em 1913 e 1914, participa do Salão dos Independentes, em Paris. No Brasil, se encanta pelo litoral paulista, onde retrata, com muita sensibilidade, paisagens e retratos de desconhecidos.

Antônio Parreiras

Niterói, RJ, 1860

Niterói, RJ, 1937

Em 1883, começa seus estudos artísticos como aluno livre e, depois, como aluno regular na Academia Imperial de Belas Artes. Por discordar do ensino

oferecido, desliga-se e passa a integrar o Grupo Grimm, dedicando-se à pintura ao ar livre. Em 1888, viaja para a Itália e frequenta a Academia de Belas Artes de Veneza. De volta ao Brasil, é nomeado professor interino na cadeira de paisagem, na qual permanece por dois meses. Em 1891, funda e leciona na Escola do Ar Livre, em Niterói. Recebe, em 1911, o título de delegado da Société Nationale des Beaux Arts, raramente concedido a estrangeiros. Em 1926, lança seu livro autobiográfico “História de um Pintor Contada por Ele Mesmo”, com o qual ingressa na Academia Fluminense de Letras e, em 1929, funda o Salão Fluminense de Belas Artes, em Niterói. Em 1941, sua casa-ateliê é transformada no Museu Antônio Parreiras, com o objetivo de preservar e divulgar sua obra.

Arthur Timótheo da Costa

Rio de Janeiro, RJ, 1882

Rio de Janeiro, RJ, 1922

Artista negro, começa seus estudos na Casa da Moeda, onde frequenta o curso de desenho e toma contato com o processo de gravação de imagens. Em 1894, incentivado pelo diretor da instituição, junto com o seu irmão João Timótheo matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes e frequenta as aulas ministradas por Rodolfo Amoedo e Henrique Bernardelli. Em 1907, recebe o prêmio Viagem ao Exterior, embarcando para Paris no ano seguinte. Em 1911, viaja para a Itália como integrante do grupo de artistas escolhidos para executar a decoração do pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Turim. Em 1919, ajuda a fundar a Sociedade Brasileira de Belas Artes no Rio de Janeiro e propõe a livre participação dos artistas

filiados à sociedade nas Exposições Gerais. Nesse mesmo ano, executa com o irmão a decoração do Salão Nobre do Fluminense Futebol Clube.

Aurélio de Figueiredo

Areia, PB, 1854

Rio de Janeiro, RJ, 1916

Irmão mais novo de Pedro Américo, frequenta a Academia Imperial de Belas Artes sob a orientação de seu irmão, ainda adolescente. Em 1871, publica suas primeiras caricaturas em “A Comédia Social” e, no período de 1873 e 1875, colabora como caricaturista na “Semana Ilustrada” com séries temáticas. Viaja para a Europa e mora em Florença, entre 1876 e 1878, onde trabalha no ateliê de seu irmão e estuda sobre os pintores de história, gênero e retrato. Ao retornar ao Brasil, colabora com o periódico “Diabo

Coxo”, no Recife e, nos anos 1880, visita outros países europeus e participa de várias edições da Exposição Geral de Belas Artes. Realiza duas grandes mostras individuais; a primeira em 1912, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e, a segunda, postumamente em 1956, no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Baptista da Costa

Itaguaí, RJ, 1865

Rio de Janeiro, RJ, 1926

Em 1885, ingressa na Academia Imperial de Belas Artes, onde é aluno de Rodolfo Amoedo. Em 1894, recebe o prêmio Viagem ao Exterior na 1ª Exposição Geral de Belas Artes. Vai para a Europa e, em 1897, estuda na Academia Julian, em Paris. Em 1906, torna-se professor da Escola Nacional de Belas Artes, substituindo Rodolfo Amoedo

na cadeira de pintura, na qual tem Candido Portinari (1903-1962) como aluno. Em 1915, o artista é homenageado com a medalha de honra na 22ª Exposição Geral de Belas Artes e eleito diretor da Escola Nacional. Reconhecido como um dos grandes pintores brasileiros de paisagens do século 19 e 20.

Belmiro de Almeida

Serro, MG, Brasil, 1858

Paris, França, 1935

Entre 1869 e 1880, frequenta o Liceu de Artes e Ofícios e a Academia Imperial de Belas Artes. Em 1878, estuda com Henrique Bernardelli e Rodolfo Amoedo no Ateliê Livre. Leciona desenho no Liceu de Artes e Ofícios, de 1879 a 1883, e na Escola Nacional de Belas Artes, de 1893 a 1896. A partir de 1884, passa a viver entre Paris e Rio de Janeiro, sendo

que sua primeira viagem à Europa resulta num redirecionamento estético em seu trabalho, consequência do estudo e contato com obras de artistas e intelectuais que renovam a arte do período. No Rio de Janeiro, trabalha como caricaturista em revistas, como “Comédia Popular”, “Diabo a Quatro”, “A Cigarra”, “Bruxa” e “O Malho”. Funda os periódicos “Rataplan” e “João Minhoca”, entre 1886 e 1901. Em 1914 cria, com outros artistas, o Salão dos Humoristas. Entre 1915-1925 se torna membro do Conselho Superior de Belas Artes.

Bruggemann

Stralsund, Alemanha, 1825

Alemanha, ca.1894

Sua biografia é um tanto controversa. Professor na Academia de Belas Artes de Copenhague, chega ao Brasil

em 1851, acompanhando um batalhão contratado pela Alemanha para combater João Manoel Rosas (1793-1877), na região platina. Existe a possibilidade dele ter sido filho do pintor Johann Bruggemann. Convidado por Hermann Blumenau (1819-1899), em Blumenau, onde permanece até 1868, pinta aspectos da colonização alemã. Sua presença no Brasil está também ligada à cidade de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, da qual deixa paisagens, entre elas seis telas com a mesma vista, pintada a partir da chamada “curva de José Mendes”.

Castagneto

Gênova, Itália, 1851

Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1900

Marinheiro em Gênova, mas em 1874, acompanhado de seu pai, fixa-se no Rio de Ja-

neiro. Em 1878, matricula-se na Academia Imperial de Belas Artes, tendo aulas com o professor Victor Meirelles. De 1882 a 1884 é orientado por Georg Grimm (1846-1887) e, quando este rompe com a academia, acompanha-o na instalação do seu ateliê ao ar livre na praia de Boa Viagem, em Niterói, e integra o Grupo Grimm. Leciona desenho no Liceu de Artes e Ofícios do Rio e no Liceu de Niterói. Em 1890, viaja para a França e, ao voltar ao Brasil em 1893, inaugura exposição individual na Escola Nacional de Belas Artes. Considerado um importante pintor de marinhas e paisagens litorâneas, aperfeiçoa-se nesta temática até a maturidade de sua produção, alcançada com as experiências no litoral da França.

De Martino

Meta, Itália, 1838

Londres, Inglaterra, 1912

Artista italiano, estuda na Escola Naval de Nápoles, Itália e atua como oficial da Marinha de Guerra Italiana. Vem para o Brasil em 1868 e fixa-se no Rio de Janeiro. É encarregado por dom Pedro 2º, como pintor oficial e registra em desenhos, os acontecimentos da Guerra do Paraguai (1864-1870), que foram expostos na Exposição Geral de Belas Artes de 1870, no qual recebe a medalha de ouro. É eleito, em 1871, membro correspondente da Academia Imperial de Belas Artes. Em 1875, muda-se para Londres e, em 1895, é nomeado pintor de marinhas da corte inglesa. Realiza uma quantidade considerável de paisagens, marinhas e pinturas de combates navais, nas quais confere, a partir do uso de fotografias, um caráter de veracidade histórica.

Décio Villares

Rio de Janeiro, RJ, 1851

Rio de Janeiro, RJ, 1931

Formado pela Academia Imperial de Belas Artes, no Rio, estuda na Europa, intercalando idas e vindas, entre 1872 e 1881. Aluno de pintores consagrados como Victor Meirelles e Pedro Américo, é classificado em primeiro lugar no concurso para professor da Academia de Belas Artes de Paris, mas rejeita o cargo por não querer se naturalizar francês. Na França, adere a teses positivistas. Retorna em definitivo ao Brasil em 1881 e passa a liderar, em 1888, o grupo dos positivistas que se contrapõe aos modernistas e às reformas que eles exigem que sejam implementadas na academia. Começa a desenhar caricaturas para jornais satíricos e, em 1889, participa da concepção da bandeira brasileira.

Eduardo Dias

Nossa Senhora do Desterro, SC, 1872

Florianópolis, SC, 1945

Pintor autodidata, decorador e conservador, retrata paisagens de Desterro, a cultura açoriana e retratos de personagens catarinenses. Esculpe fachadas de edifícios públicos, faz figuras ornamentais para carros alegóricos dos carnavais, decora paredes internas de moradias, restaura algumas pinturas de igrejas e executa cenários para operetas e revistas musicais. Em 1896, o então governador Hercílio Luz (1860-1924) propôs uma bolsa do governo para que ele pudesse estudar na Academia de Belas Artes, porém a proposta enviada à Assembleia Legislativa não foi aceita pelo Partido Oposicionista. O fato é que o próprio artista declinou o convite para não se afastar de Santa Catarina.

Eliseu Visconti

Salerno, Itália, 1866

Rio de Janeiro, Brasil, 1944

Artista italiano que renova o ensino e a arte no Brasil, em sintonia com movimentos estrangeiros. Em 1882, muda-se para o Rio e estuda no Liceu de Artes e Ofícios, onde é aluno de Victor Meirelles. No ano seguinte, sem deixar o liceu, ingressa na Academia Imperial de Belas Artes, tendo professores como os pintores Zeferino da Costa e Henrique Bernardelli. Em 1890, entra no Ateliê Livre, grupo organizado em protesto ao ensino tradicional e estruturado nos moldes da Academia Julian de Paris. Em 1892, é o primeiro aluno a receber o prêmio Viagem ao Exterior, após a mudança para Escola Nacional de Belas Artes. Sua mulher, Louise Visconti (1882-1954), e seus filhos são, em grande parte, os modelos de seus quadros.

Estêvão Silva

Rio de Janeiro, RJ, c. 1844

Rio de Janeiro, RJ, 1891

É o primeiro pintor negro formado pela Academia Imperial de Belas Artes a obter destaque. Matricula-se na instituição em 1864 e estuda com Victor Meirelles e Agostinho da Motta, com quem compartilha a predileção por naturezas-mortas. Recebe inúmeros prêmios ao longo da carreira, exceto um dos principais da época na 25ª Exposição Geral de Belas Artes, na qual protesta por discordar da premiação diante do imperador dom Pedro 2º. Uma comissão avalia sua atitude como insubordinação e suspende-o das atividades discentes por um ano. A partir da década de 1880, Silva leciona no Liceu de Artes e Ofícios do Rio. O artista realiza retratos e composições de temas históricos e religiosos, e é considerado um dos melhores

pintores de naturezas-mortas do século 19.

Garcia Bento

Campos dos Goytacazes, RJ,
1897

Rio de Janeiro, RJ, 1929

Funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil e desenhista contratado pela firma Haust e Cia. Em 1916, ingressa na Colmeia dos Pintores do Brasil, um curso livre de arte na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, no Rio. No Salão Nacional de Belas Artes, em 1918, conquista menção honrosa; em 1921, a pequena medalha de prata e, em 1925, o prêmio Viagem ao Exterior. Acompanhado da mulher e dos filhos, viaja por dois anos pela Europa, visita Portugal, Espanha e Holanda. Os quadros, realizados nesses países, estão entre os melhores em sua curta carreira e foram expostos em São Paulo e no Rio, em

1928. Destaca-se sobretudo com paisagens marinhas.

Garcia Y Vázquez

Vigo, Espanha, c. 1859

Rio de Janeiro, Brasil, 1912

Chega ao Brasil por volta de 1871 e é admitido na Academia Imperial de Belas Artes em 1879. Em 1884, recebe a segunda medalha de ouro na Exposição Geral de Belas Artes. No mesmo ano, descontente com os métodos de ensino da academia, passa a integrar o Grupo Grimm. Ao expor no Ateliê Moderno, no Rio, em 1889, recebe críticas negativas que o levam a se isolar. Nos anos de 1890, fica afastado da capital e começa a viver em Icaraí, Niterói, pescando e pintando pequenos formatos em madeira. Em 1901, participa da Exposição Geral da Escola Nacional de Belas Artes, na qual se nota

uma retomada das características anteriores da sua pintura. Em 1905, faz excursão à Serra da Estrela, no Rio, e apresenta as telas na Exposição Geral de 1906. Embora elogiado pela crítica, não torna a expor.

Georgina de Albuquerque

Taubaté, SP, 1885

Rio de Janeiro, RJ, 1962

Em 1904, muda-se para o Rio, matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes e estuda com Henrique Bernardelli (1857-1936). Em 1906, casa-se com o pintor Lucílio de Albuquerque (1877-1939) e viaja para a França, onde frequenta a Escola Nacional Superior de Belas Artes e a Academia Julian. Volta ao Brasil em 1911, expõe em São Paulo e, a partir dessa data, participa regularmente da Exposição Geral de Belas Artes. De 1927 a 1948, leciona desenho artístico na

Escola Nacional e, em 1935, é professora do curso de artes decorativas do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal. Em 1940, em sua casa no bairro de Laranjeiras, no Rio, funda o Museu Lucílio de Albuquerque, e institui um curso pioneiro de desenho e pintura para crianças. Entre 1952 e 1954, exerce o cargo de diretora da Escola Nacional Superior de Belas Artes.

Hélio Seelinger

Rio de Janeiro, RJ, 1878

Rio de Janeiro, RJ, 1965

Entre 1891 e 1896, forma-se na Escola Nacional de Belas Artes e frequenta o ateliê dos irmãos Henrique e Rodolfo Bernardelli (1852-1931). Em 1897, fixa moradia na Alemanha e frequenta a Academia Azbe e a Academia de Munique. Quando retorna ao Brasil em 1901. Faz uma exposição

individual na redação da revista “O Malho”, com boa parte da produção realizada em Munique. Em 1903, conquista o prêmio Viagem ao Exterior, fixa-se em Paris e trabalha como assistente do pintor Eliseu Visconti. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial (1914-18), volta para o Rio e, em 1911, produz pinturas decorativas para o Clube Naval do Rio de Janeiro. Atua como ilustrador e caricaturista em publicações como “O Malho”, “Leitura para Todos”, “Careta”, “Fon Fon”, entre outras.

Henrique Bernardelli

Valparaíso, Chile, 1858

Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1936

Irmão do escultor Rodolfo Bernardelli, chega com a família ao Brasil no começo da década de 1860 e se estabelece no Rio Grande do Sul. Em 1867, transfere-se para o Rio

e três anos depois, matricula-se na Academia Imperial de Belas Artes, junto com o seu irmão Rodolfo. Leciona na Escola Nacional de Belas Artes de 1891 a 1905, quando não aceita a renovação contratual, alega que a instituição precisa se atualizar periodicamente. Com o irmão, passa a lecionar em um ateliê particular, na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, onde tem como mestres Georgina de Albuquerque, Hélio Seelinger e Arthur Timótheo da Costa. Em 1931, pintores insatisfeitos com o modelo de ensino criam o Núcleo Bernardelli, um grupo voltado ao aprimoramento técnico e a reformulação do ensino artístico. O nome homenageia os professores Henrique e Rodolfo.

Joseph Léon Righini

Turim, Itália, c. 1820

Belém, PA, Brasil, 1884

Radicado no Brasil, estuda na Academia de Belas Artes de Turim e vem para o Brasil por volta de 1856, onde se fixa no Maranhão e, posteriormente, em Belém. Importante artista viajante de origem italiana e, certamente, o maior talento da última leva de artistas que retratam o Brasil, por volta de 1860, muito menos numerosos num momento em que a fotografia já era capaz de registrar imagens de grande precisão, retratando com maestria e *in loco* a floresta Amazônica.

João Timótheo da Costa

Rio de Janeiro, RJ, 1879

Rio de Janeiro, RJ, 1932

Começa os estudos na Casa da Moeda, onde aprende sobre os processos de gravura de imagens, selos e moedas. Em 1894, matricula-se com seu irmão João Timótheo da Costa na Escola Nacional de Belas

Artes. Participa de sucessivas edições da Exposição Geral de Belas Artes e, em 1907, conquista o prêmio Viagem ao Exterior. No ano seguinte embarca para Paris, onde permanece por cerca de dois anos. Com o irmão João Timótheo e os irmãos Carlos (1884-1950) e Rodolfo Chambelland (1879-1967), participa, em 1911, dos trabalhos de decoração do pavilhão brasileiro da Exposição Internacional de Turim, na Itália. Em 1919, funda com um grupo de artistas a Sociedade Brasileira de Belas Artes no Rio, e propõe, em 1920, a livre participação dos artistas filiados à sociedade nas Exposições Gerais de Belas Artes.

Leopoldo e Silva

Taubaté, SP, 1879

São Paulo, SP, 1948

Começa seus estudos de escultura e modelagem no Liceu

de Artes e Ofícios de São Paulo e frequenta a Academia de França. Em 1911, viaja para Roma como pensionista do governo estadual de São Paulo, regressando ao Brasil em 1914. O aprendizado na Europa proporciona um sólido domínio nos processos técnicos de escultura, enfatizado nas proporções, volumes e dimensões da figura humana, principalmente no nu artístico feminino, uma de suas principais marcas. Ao longo de sua trajetória, produz esculturas voltadas para espaços abertos e peças tumulares de grande expressividade, todas elas instaladas no Cemitério da Consolação, na capital paulista.

Marques Júnior

Rio de Janeiro, RJ, 1887

Rio de Janeiro, RJ, 1960

Estuda na Escola Nacional de Belas Artes, a partir de 1905,

como aluno de Eliseu Visconti e Zeferino da Costa (1840-1915). Recebe o prêmio Viagem ao Exterior em 1916, viaja para Paris em 1917, onde permanece até meados de 1922. Perde quase todas as suas obras num incêndio em seu ateliê, em 1921. De volta ao Brasil em 1922, é nomeado docente de pintura da Escola Nacional e na qual torna-se vice-diretor em 1952. Rege as cadeiras de desenho figurado (1934-37) e de pintura (1938-48). Em 1948 torna-se livre-docente de desenho artístico e, em 1950, catedrático de desenho de modelo vivo. É presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes e membro efetivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan).

Modesto Brocos

Santiago de Compostela, Espanha, 1852

Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1936

Estuda desenho na Academia de Belas Artes de La Coruña, Espanha. Viaja para a Argentina, por volta de 1870, onde trabalha como ilustrador. Em 1872 vem para o Brasil e, três anos depois, frequenta os cursos da Academia Imperial de Belas Artes, no Rio, onde é aluno de Victor Meirelles. Em 1877, faz cursos de aperfeiçoamento em Paris, na Escola Nacional Superior de Belas Artes. Retorna ao Brasil e assume como professor de desenho figurado da Escola Nacional de Belas Artes, em 1891, a convite do escultor Rodolfo Bernardelli. Brocos é autor de livros sobre o ensino artístico, como “A Questão do Ensino das Belas Artes” (1915) e “Retórica dos Pintores” (1933). Destaca-se também pelo incentivo ao desenvolvimento da gravura no Brasil.

Pedro Américo

Areia, PB, Brasil, 1843

Florença, Itália, 1905

Antes de completar dez anos, acompanha a expedição científica do naturalista francês Jean Brunet (1822-1894) ao Nordeste do Brasil, em 1852, como desenhista auxiliar. Por volta de 1855, muda-se para o Rio de Janeiro e, em 1896, matricula-se na Academia Imperial de Belas Artes. Entre 1859 e 1864, com bolsa concedida pelo imperador dom Pedro 2º, estuda na Escola Nacional Superior de Belas Artes de Paris. Após viagem pela Itália, retorna ao Rio de Janeiro em 1864 e assume a cadeira de desenho na Academia Imperial. No ano seguinte, fixa-se em Bruxelas, Bélgica, e titula-se doutor em ciências naturais pela Universidade de Bruxelas em 1868. Alterna estadias no Rio e em Florença, mas continua como professor de estética, história

da arte e arqueologia na Academia Imperial. Entre 1870 e 1871, é responsável pela revista de caricatura “A Comédia Social”. Com a proclamação da República, é eleito deputado da Assembleia Nacional Constituinte, em 1890.

Pedro Perez

Lisboa, Portugal, 1850

Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1923

Chega ao Brasil ainda criança e, por volta de 1865, ingressa no Liceu de Artes e Ofícios do Rio. Em 1868, ingressa na Academia Imperial de Belas Artes, sob orientação de Victor Meirelles, e tem como colega, Almeida Júnior (1850-1899). Entre 1879 e 1881 estuda na Europa, em 1884 recebe a menção de oficial da Ordem da Rosa. Entre 1889 e 1890 substitui Meirelles como professor interino da Academia Imperial e, posteriormente,

ensina desenho no liceu e na Escola Normal, onde leciona até o fim da vida. Transita por importantes gêneros da produção artística do século 19, com representações do universo brasileiro, anedóticas ou moralizantes, que contribuíram para uma difusão de um imaginário nacional oitocentista.

Rafael Frederico

Rio de Janeiro, RJ, 1865 | Rio de Janeiro, RJ, 1934

Em 1877, matricula-se na Academia Imperial de Belas Artes e é aluno de Victor Meirelles e, nos fins de 1880, frequenta o Ateliê Livre e envolve-se na disputa entre positivistas e modernos (ou “os novos”), em torno da renovação do ensino artístico na academia. Em 1893, conquista o prêmio Viagem ao Exterior no concurso anual da Escola Nacional de

Belas Artes, concorrendo sob o pseudônimo “Brasil”. Viaja no ano seguinte, fixa-se em Paris. Em 1896, transfere-se para Roma, onde realiza estudos e cópias. Retorna ao Rio, em 1899, ano em que obtém medalha de ouro de 2ª classe por um conjunto de aquarelas apresentado na Exposição Geral de Belas Artes. A partir de 1914, abandona a produção artística e deixa de frequentar salões e exposições, dedicando-se ao magistério com o desenho em escolas públicas e privadas, no Rio.

Rodolfo Amoedo

Salvador, BA, 1857

Rio de Janeiro, RJ, 1941

Muda-se para o Rio de Janeiro em 1868. Em 1873, estuda no Liceu de Artes e Ofícios e, no seguinte, matricula-se na Academia Imperial de Belas Artes, onde tem aulas com Vic-

tor Meirelles. Viaja para Paris em 1879, como pensionista da Academia Imperial, e estuda na Academia Julian e na Escola Nacional Superior de Belas Artes de Paris. Retorna ao Brasil em 1887 e realiza a primeira exposição individual no Rio, em 1888. Nesse ano é nomeado professor honorário de pintura histórica na Academia Imperial e tem como alunos Eliseu Visconti e Candido Portinari. Em 1888, com os irmãos Henrique e Rodolfo Bernardelli, funda o Ateliê Livre, espaço de ensino e trabalho de arte que chama a atenção para a defasagem, propõem uma modernização curricular, tendo como modelo a Academia Julian. Torna-se vice-diretor em 1893, e professor catedrático *honoris causa* em 1931. Realiza trabalhos de decoração no Palácio Itamaraty, na Biblioteca Nacional, no Supremo Tribunal Federal e no Supremo Tribunal Militar, no Rio; no Museu do

Ipiranga, atualmente Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo; e no Teatro José de Alencar, em Fortaleza.

Rodolfo Bernardelli

Guadalajara, México, 1852

Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1931

Irmão do pintor Henrique Bernardelli, deixa o México, com sua família, para fixar-se no Rio Grande do Sul, por volta de 1866. Entre 1870 e 1876, frequenta as aulas de escultura de estatuária e de desenho de modelo vivo na Academia Imperial de Belas Artes. Como aluno pensionista permanece em Roma de 1877 a 1884. De volta ao Brasil, torna-se professor de escultura na Academia Imperial. Considerado um dos reformadores do ensino artístico no Brasil, torna-se o primeiro diretor da recém-instituída Escola Nacional de

Belas Artes. Sua gestão cria a categoria de aluno livre, o Conselho Superior de Belas Artes e propõe a edificação da nova sede na avenida Rio Branco. Em 1919, em Madri, é proclamado acadêmico honorário da Real Academia de Belas Artes de San Fernando. Em 1931, ele e o irmão Henrique são homenageados no Rio com a fundação do Núcleo Bernardelli.

Sebastião Vieira Fernandes

Nossa Senhora do Desterro, SC, 1866

Rio de Janeiro, RJ, 1943

Frequenta o curso de desenho de Manoel Francisco das Oliveiras (1829-1898), dito Maneca Margarida, em Desterro. Cursa o Liceu de Artes e Ofícios e a Academia Imperial de Belas Artes, onde tem Victor Meirelles como professor.

Em 1885 recebe a medalha de ouro; em 1889, o prêmio Imperatriz do Brasil da Academia Imperial que garante três anos de aperfeiçoamento na Europa, porém, com a proclamação da República, ele não pode usufruí-lo. Ajuda o seu mestre Zeferino da Costa com as restaurações dos painéis decorativos da Igreja da Candelária. Além da pintura histórica e do retrato, é também restaurador, sendo nomeado, em 1918, como conservador da pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes.

Telles Júnior

Recife, PE, 1851

Recife, PE, 1914

Aos 16 anos, muda-se com a família para Rio Grande, no Rio Grande do Sul e trabalha como caixeiro de leilões. Em 1869, em Porto Alegre, tem aulas de pintura com De Martino. Em 1870, transfere-se para o Rio

de Janeiro, onde, nos passos profissionais do pai, um comandante de navios, ingressa como aprendiz no Arsenal da Marinha. Faz aulas de desenho na oficina de limagem e frequenta o Liceu de Artes e Ofícios. Por volta de 1880, dedica-se ao magistério, leciona pintura e desenho na Sociedade dos Artistas, Mecânicos e Liberais e no Liceu de Artes e Ofícios, no qual torna-se diretor em 1890. Paralelamente, segue uma carreira política, com uma atuação voltada à melhoria das condições de trabalho da classe operária. Elege-se conselheiro municipal e, em 1891, deputado estadual. Já reconhecido, participa das Exposições Gerais de Belas Artes no Rio e é contemplado com menção honrosa e medalha de ouro.

Victor Meirelles

Nossa Senhora do Desterro, SC,
1832

Rio de Janeiro, RJ, 1903

Começa os estudos artísticos por volta de 1838, com o engenheiro argentino Marciano Moreno. No ano de 1847, muda-se para o Rio e se matricula na Academia Imperial de Belas Artes onde, em 1849, faz o curso de pintura histórica. Em 1852, conquista o prêmio Viagem ao Exterior, promovido pela Academia Imperial, para onde viaja no ano seguinte e permanece por cerca de oito anos estudando na Itália e na França. Com a prorrogação da pensão, segue estudando em Paris e, em 1857, matricula-se na Escola Superior de Belas Artes. Retorna ao Brasil em 1861 e, um ano depois, é nomeado professor de pintura histórica da Academia Imperial. A partir de 1886 passa a se dedicar à execução de panoramas. No fim do século 19, funda a empresa de panoramas Meirelles & Langerock, numa parceria que produziu, entre outros, o panorama da cidade do Rio.

Weingartner

Porto Alegre, RS, 1853

Porto Alegre, RS, 1929

Filho de imigrantes alemães, trabalha inicialmente como caixeiro-viajante e depois como litógrafo. Em 1879, viaja por conta própria para Hamburgo, na Alemanha, e estuda no Liceu de Artes e Ofícios. No começo dos anos 1880, viaja para Paris onde permanece por três anos, com uma bolsa concedida pelo imperador dom Pedro 2º, para continuar seus estudos. Em 1886, passa a morar em Roma, onde fica por um longo período. De volta ao Brasil, em 1891, torna-se professor da cadeira de desenho figurado na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Realiza viagens ao Sul do Brasil, explora temas regionais, uma marca de sua produção. Dedicar-se, também, à técnica da água-forte, da qual é um dos precursores no país.

MAIS HUMANO

Arte no Brasil de 1850-1930

De 30 de julho de 2022
a 17 de fevereiro de 2023

O INSTITUTO

Diretor-presidente
Marcelo Collaço Paulo

Vice-presidente
Jeanine Gondin Paulo

Museóloga
Cristina Maria Dalla Nora

Curadora-chefe
Francine Goudel

Coordenadora do núcleo educativo
Joana Amarante

**Produção de conteúdo
e comunicação**
Néri Pedroso

Estagiária do núcleo educativo
Ana Martins

Serviços gerais
Adriano Lessa

Recepção e atendimento
Júlia Bayer Heidmann

A EXPOSIÇÃO

Curadoria e textos
Francine Goudel

Expografia
Cristina Maria Dalla Nora
Francine Goudel
Joana Amarante

Montagem
Flávio Xanxa Brunetto

Material educativo
Joana Amarante
Ana Martins
Julia Rocha

Revisão e edição dos textos
Néri Pedroso

Material gráfico
Lorena Galeri

Fotografia
CR2 Foto

O CATÁLOGO

Coordenação editorial
Francine Goudel
Néri Pedroso

Textos
Marcelo Collaço Paulo
Francine Goudel
Joana Amarante
Néri Pedroso

**Projeto gráfico
e edição de imagem**
Lorena Galeri
Shayda Cazaubon

Fotografia
Eduardo Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mais humano arte no Brasil de 1850-1930 [livro eletrônico] /
[organização Francine Goudel, Néri Pedroso] -- 1. ed. -- Florianópolis, SC : Instituto Collaço
Paulo - Centro de Arte e Educação, 2023. -- (Catálogo de exposição do Instituto Collaço
Paulo: Centro de Arte e Educação)
PDF

Vários autores .
Bibliografia.
ISBN 978-65-980337-1-2

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos 2. Antes visuais
3. Escultura - Exposições 4. Pintura I. Goudel, Francine. II. Pedroso, Néri. III. Série.

23-157227

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:
1. Artes plásticas : Exposições : catálogos 730

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

MAISHUMANO

ARTE NO BRASIL DE 1850 - 1930

Organização

Francine Goudel

Néri Pedroso



CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

Florianópolis, 2023